

KEHRER, Nicole (ed.) – *Ausgegraben 6 / Excavated 6. Aerial Photos from the Archives of the Germain Archaeological Institut, Deutschen Archäologischen Instituts*, 2020, 116 pp., ilustradas.

[http://doi.org/10.14195/1647-8657\\_60\\_10](http://doi.org/10.14195/1647-8657_60_10)

– Sente como está bem polida e ainda luzidia a superfície deste caco que chamamos de *terra sigillata*, apesar de enterrado há mais de dois mil anos! Não é uma beleza?

Este poderia ser o tom duma conversa entre a arqueóloga e um amigo leigo nessas andanças, que torcera o nariz quando a amiga manifestou entusiasmo estético perante algo que, para ele, não passava de mui singelo caco abandonado; sim, poderia ter sido pelos Romanos, mas abandonado por já não ter préstimo algum!

Causa estranheza ter como bibelô na estante uma das cunhas – chame-mos-lhes assim – de pedra vulcânica, talhadas em forma de pirâmide quadrangular, que serviam para compor uma parede de *opus quadratum* na cidade de Óstia. É que, além de mostrar a perícia dos construtores romanos, a peça detém, em si, alguma beleza, mais não seja pela sua leveza e aspecto deveras singular. ¿E não são ‘bonitos’ um machado de pedra polida neolítico ou uma placa de xisto com desenhos antropomórficos?

Ao visitar as ruínas de uma *villa* romana, de que apenas se enxerga pouco mais do que os alicerces dos muros e, quando muito, um ou outro mosaico ou resto de parede com um fresco incompleto, quem não é desta área científica poderá perguntar por que razão tanto se afadigam os arqueólogos, tanto lutam para preservar uma área em que somente inexplicáveis ruínas se enxergam.

Pouco a pouco, no entanto, mediante sobretudo a criação de centros de interpretação nos monumentos mais vistosos, o que de histórico-científico essas ruínas representam já começa a ser mais cabalmente apreendido. Acontece, porém, que não é apenas ciência, informação histórica que desses incompletos muros se desprende: há, queiramos ou não, um halo de poesia, de beleza a envolvê-los e que nem todos logram captar. E recorro a evocação da *villa* romana de S. Cucufate. No final do volume que lhe dedicou, Jorge de Alarcão exclama:

“Ficou deserto o casarão, pasmado, amargurado de tanta solidão. Agora, quem o visita, se o souber compreender, o ressuscita”.

E, neste caso, o Povo o soube ressuscitar e até lhe dedicou uma das suas modas ao jeito tradicional (cf. <http://hdl.handle.net/10316/88737>).

Poesia se desprende igualmente de um sítio mítico qual o santuário de Panóias, perto de Vila Real, em Trás-os-Montes. Miguel Torga não hesitou em escrever, a 6 de Outubro de 1951, numa das suas repetidas peregrinações ao local:

“Volto a este livro das pedras, onde o passado deixou gravadas as suas devoções. Estou nisto: coisas que falem, que respondam” (*Diário* VI, 1953).

E também o arquitecto Alberto de Souza Oliveira se deixou contagiar pela magia do local. Dos 20 desenhos a preto e branco que constituem o seu álbum (*Panóias*, IPPAR, Vila Real, Setembro de 2005) desprende-se, na verdade, o encantamento que a todos envolve ali, na evocação, escreve, “dos rituais, das imolações, dos sacrifícios, das libações, dos chamamentos, das procissões, dos uivos e dos gritos, das vísceras, do culto, do sangue, das lágrimas...” (cf. <http://hdl.handle.net/10316/80360>).

Fez o Instituto Arqueológico Alemão uma primeira abordagem fotográfica – com intuítos estéticos – de sítios arqueológicos portugueses na exposição *Blick, Mira, Olha!*, patente no Centro Cultural de Cascais, de 12 de Novembro de 2011 a 15 de Janeiro de 2012.

O álbum *Ausgegraben* ora publicado mostra significativas fotografias aéreas escolhidas dentre o bem recheado espólio do Arquivo Fotográfico do DAI. Explica Friederike Fless, o presidente do DAI, no prefácio do álbum, que, tratando-se, muitas delas, de fotografias feitas antes da possibilidade de utilização de aviões ou, na actualidade, dos utilíssimos drones, nem sempre se logra saber como é que os arqueólogos conseguiram obtê-las. ¿Com pequenos balões? Certamente, a princípio. ¿Ou panorâmicas tomadas a partir de pontos altos próximos, a fim de o arqueólogo ter uma panorâmica do conjunto? Mas, comenta, “torna-se difícil de imaginar, hoje, quanto de engenhoca, ingenuidade e esforço então se requeria para obter uma vista do céu”, como a das aves.

Um documentário, portanto, do maior interesse, que abarca 112 sítios, desde Pérgamon a Vetulonia, passando pelas rochas em degraus da antiga Thera, em Santorini, escavadas em torno do ano 1900 (p. 58-59); pela colina de Fuente Alamo, da Idade de Bronze, escavada de 1977 a 1999 (p. 68-69); pela maravilha do castro do Zambujal no seu enquadramento total (fotografia de 2018 – p. 79); pelo nuraga Arrubiu, da Sardenha, “cujas muralhas vermelhas se destacam da fresquidão verde do planalto” (p. 74-75); e também pela trapezoidal Piazza del Campidoglio, em Roma, rodeada de edifícios da Renascença, tendo no centro a estátua equestre, de bronze, do imperador Marco Aurélio, uma imagem captada nos anos 50 do século passado.

As fotografias ocupam toda a página do lado direito; na da esquerda, em Alemão e em Inglês, uma breve explicação do seu contexto histórico-arqueológico. Na pág. 114, o rol dos autores das imagens; na 115, significativamente, quatro imagens a mostrar as fases por que se passou: a arqueóloga em cima

de grande escadote, de amplo guarda-sol a proteger a máquina fotográfica; um dirigível; uma avioneta; e, por fim, um drone.

Dizer que é um álbum magnífico, em mui adequado papel couché, é pouco, porque, na verdade, consubstancia um hino à tenacidade dos arqueólogos que nos antecederam para nos permitir, hoje, uma leitura melhor do que são os sítios arqueológicos.

Um caco de *terra sigillata* tem, de facto, a sua beleza; mas ele constitui um elemento da História e só o contexto em que foi encontrado lhe dará o seu real valor. E para os contextos é que este álbum chama particularmente a atenção. Só do alto se acaba por compreender melhor o que na superfície se topa. Como só do alto se logra perceber porque é que os geoglifos da Pampa de Nasca, no Peru, o seu conhecidíssimo gigantesco colibri por exemplo, serviram para as comunidades que aí viveram entre 200 a. C. e 600 d. C. os utilizarem nos seus cultos da água e da fertilidade (p. 14).

José d'Encarnação

*Universidade de Coimbra, Centro de Estudos de Arqueologia,  
Artes e Ciências do Património*

*jde@fl.uc.pt*

<https://orcid.org/0000-0002-9090-557X>

[texto escrito no antigo acordo]